

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

HABITAR A CLÍNICA EM TEMPOS DE DESEMPENHO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS SOBRE A POSTURA TERAPÊUTICA

Firmiana Guimarães (firmianaguimaraes@gmail.com)

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a clínica psicológica contemporânea a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial. Parte-se do contexto neoliberal, compreendido não apenas como racionalidade política e econômica, mas como um modo histórico de organização da existência. Busca-se, assim, interrogar de que maneira esse horizonte atravessa e conforma os modos de compreender e conduzir o fazer clínico. Em um cenário marcado pela centralidade do desempenho, da produtividade e da imediatez, coloca-se a questão: como sustentar uma prática clínica que não se reduza à lógica da eficiência e da rápida supressão do sofrimento? Em diálogo com o pensamento de Heidegger, especialmente com sua análise da Era da Técnica, compreende-se que tal contexto expressa um modo de desvelamento configurado pela Gestell (composição), na qual a existência é desvelada como algo disponível, passível de controle e otimização. Nesse horizonte, ao se ajustar aos moldes das ciências médicas buscando validação de suas práticas e parâmetros de cura objetivos e eficientes, a clínica corre o risco de se tornar um espaço de ajustamento e funcionalização da existência. Em contraposição, o

trabalho propõe pensar a clínica fenomenológico-existencial a partir da noção de habitar, compreendida como uma postura fundamental do terapeuta. Habitar a clínica implica sustentar uma abertura ao que se mostra na experiência, permanecendo junto ao fenômeno sem submetê-lo à pressa interpretativa ou à exigência de soluções imediatas e eficientes. Trata-se de um modo de presença orientado pelo pensamento meditante, em contraste com o predomínio do pensamento calculante. Isso implica sustentar uma temporalidade que permita que aquilo que se oferece “a-se-pensar” possa desvelar-se cuidadosamente. A serenidade constitui, nesse contexto, uma disposição fundamental. Como considerações finais, sustenta-se que habitar a clínica, nesses termos, configura-se como um gesto ético de afirmar o cuidado direcionado à existência e não ao sintoma, assim como resistir à captura da prática clínica pela lógica do desempenho, preservando-a como espaço de escuta, de abertura e de acolhimento do indeterminado.

Palavras-chave: clínica fenomenológico-existencial; neoliberalismo; era da técnica; habitar; postura terapêutica.